

Mário Laginha e a arquitectura dos sons

Crítica. Músico apresentou o novo álbum 'Espaço', em concerto na Culturgest

Antes mesmo que pudéssemos extasiar-nos com a sua música, já Mário Laginha nos advertia, nas singelas notas que serviram de apresentação a este concerto, também insertas na capa do seu último CD *Espaço*: "Poderão dizer que a música deste álbum não é tão diferente, assim, daquela que eu tenho feito até aqui. Espero bem que não. Mas posso garantir que sem o estímulo da arquitectura não seria a mesma."

Acontece que, ao ler-se isto, não se sabe que mais admirar no grande pianista português: se a sua habitual timidez e recuo face ao enorme talento de que a todo o momento dá provas, nes-

te ensejo apresentando um estímulo exterior como "desculpa" para o fulgor da sua música; se a plena confiança na fascinante e multifacetada obra a que dá corpo e alma, tão bem expressa afinal na convicta expressão "espero bem que não"!

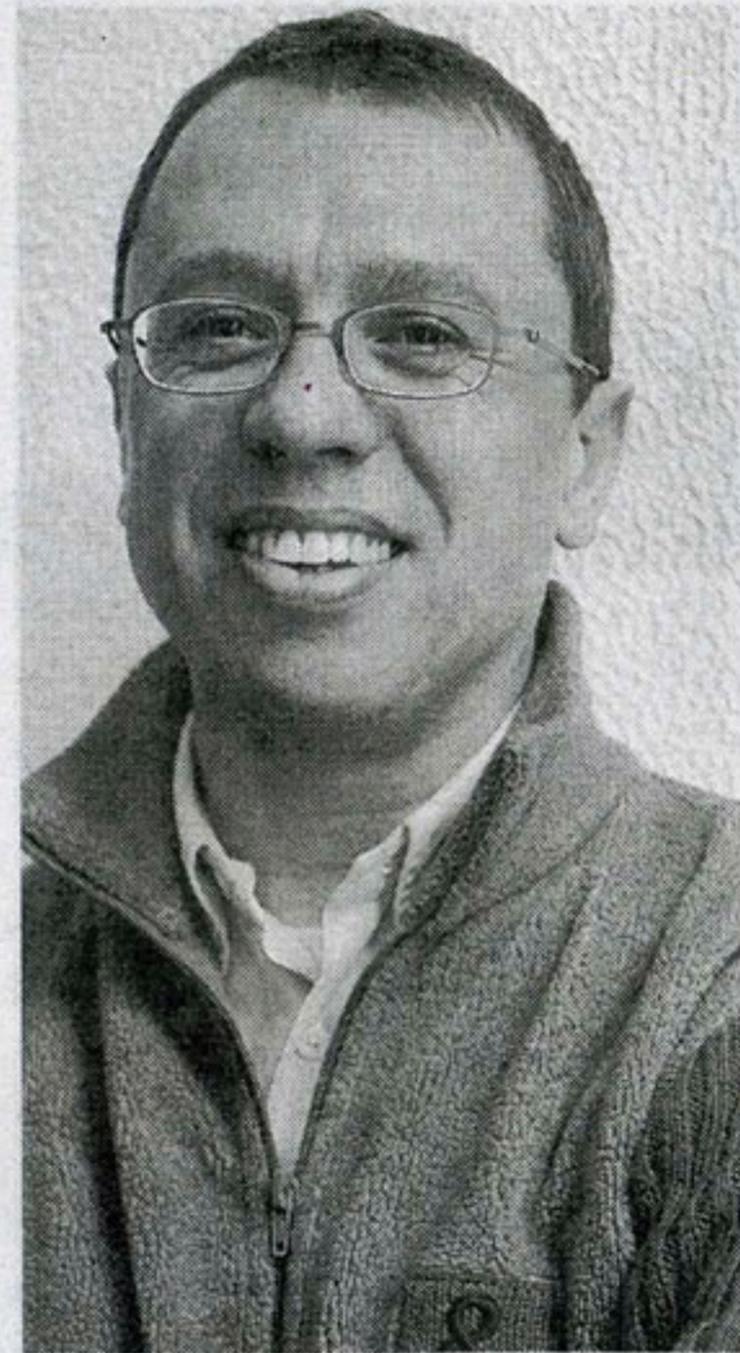
Confesso-vos que tentei abstrair-me, durante todo o concerto, do próprio móbil inspirador deste projecto. Mas seria impossível não sentir e mesmo ver as relações de causa e efeito que o pianista e compositor interiorizou e agora nos propõe numa série de peças cujo edifício musical tão bem se harmoniza com os traços e as formas que os próprios títulos forçosamente sugerem. Seguidor, de há muito, do percurso musical de Mário Laginha, aquilo que me apetece sublinhar, horas depois de mais uma experiência artística

radiosa, é que, na realidade, jamais a sua música se repete, antes sempre se recria e transforma na sua indestrutível personalidade. Bastaria ouvir a longa introdução em solo absoluto para *Tráfico* para perceber como as ideias que vão brotando ainda em pedaços começam a ligar-se e a fazer sentido, até que a exposição temática e o seu desenvolvimento apanhem já os seus dois companheiros de trio plenamente contagiados por uma musicalidade e emoção sem limites.

Mais além, a beleza intensa e harmonicamente movediça de *Tanto Espaço* (apresentada sem quaisquer variações improvisadas, como desde início se pressentira!), contrastou da melhor maneira com a agitação e a irregularidade métrica de um 7/4, em *Paredes que nos Rodeiam*, para de novo

se tornar simétrica e regular nessa admirável ilusão de "fuga" e desenvolvimento contrapontístico que surpreendemos em *Escada* e voltar a apaziguar-se no complexo "rubato" conjunto que atravessa a primeira secção de *Plano*, até perder de vista! Tendo como cúmplices intensos, empenhados e talentosos um Bernardo Moreira em forma transcendente no engenhoso e arrasador *Baixo Contínuo* e um Alexandre Frazão ao mesmo tempo delicado e impulsivo na inteligente poliritmia do seu jogo percussivo, Mário Laginha foi ainda enorme e criativo na peça *Esculpir*, uma balada que só poderia ser portuguesa, e recatadamente emocionante na sua "Despedida", a obra-prima que serviu de último *encore* a um concerto memorável. ■

MANUEL JORGE VELOSO in DN 30.06.2007



Mário Laginha